

CICLO “FUTURO DO PRESENTE
– O BRASIL IMAGINADO”

O futuro social do Brasil: imaginado pelos brasileiros

MARCELO NERI

Mínistro da SAE,
Presidente do IPEA
e secretário executivo
do CDES. *PbD*
em Economia pela
Universidade de
Princeton. Professor
da EPGE e fundador
do Centro de Políticas
Sociais também na
Fundação Getúlio
Vargas. Avaliou
políticas públicas
em duas dezenas de
países. Publicou livros
sobre: Microcrédito;
Cobertura
Previdenciária; Ensaio
Sociais; Diversidade;
Inflação e Consumo;
A Nova Classe Média;
Superação da Pobreza
no Campo; Bolsa
Família; e Percepções
de Políticas Públicas.

~ Introdução

Em agosto de 2013, eu tive a honra de proferir na Academia Brasileira de Letras a palestra *O futuro social do Brasil*. O evento integrou o ciclo intitulado *Futuros do presente: o Brasil imaginado*, organizado pela Casa de Machado de Assis sob a coordenação do historiador José Murilo de Carvalho. Destaquei em minha apresentação duas possibilidades prospectivas. A minha visão sobre os principais desafios futuros da sociedade brasileira no campo das políticas públicas¹ e, em particular, como os brasileiros enxergam o seu futuro. Este artigo endereça a segunda questão, mais próxima ao título geral do ciclo de palestras.

Lançamos mão aqui de dados objetivos sobre a subjetividade das pessoas, derivados de pesquisas em indivíduos acima de 15 anos de

⁰ Conferência proferida em 13 de agosto de 2013.

¹ Neste aspecto foram destacadas iniciativas voltadas à primeira infância e à juventude, a qualidade de serviços de educação e saúde, acesso a mercados e ao Estado, questões urbanas e ambientais.

mais de uma centena de países. O caráter internacional nos permite diferenciar a visão brasileira daquela do resto do mundo. Revelamos dois tipos de evidências sobre questões recorrentes no contexto brasileiro. O primeiro é a existência de um alto otimismo de cada filho deste solo em relação ao seu futuro. Este elemento foi captado por uma alta expectativa de satisfação individual com a vida cinco anos à frente. Este dado nos permitiria entender a denominação frequentemente associada ao Brasil como o país do futuro. Além de nos fornecer pistas relativas a problemas derivados de como o brasileiro individualmente encara o tempo vindouro, como a baixa taxa de poupança doméstica e a alta taxa de juros aqui vigentes.

O segundo aspecto aqui abordado se refere a baixa expectativa de cada brasileiro quanto à felicidade geral da nação. Indicando uma alta dissonância entre a visão de cada brasileiro sobre sua vida e a visão sobre o conjunto do país. Na interpretação aqui proposta, este elemento seria consistente com a maior importância assumida no contexto nacional de problemas associados a ações coletivas. Problemas que tornam o todo menor que a soma das partes, exigindo mobilização e coordenação da sociedade.

O endereçamento de problemas coletivos pautam os principais avanços aqui ocorridos nos últimos 40 anos, tais como instituição gradual da democracia, a partir de meados dos anos 1970, a estabilização da inflação a partir dos anos 90 e já no século atual a queda da desigualdade de renda. A nova agenda de transformações que se coloca hoje no país tem esta natureza coletiva como os problemas urbanos brasileiros, quais sejam falta de transporte público, esgoto e segurança, além de outros problemas que afligem o país como desmatamento e corrupção, entre outros.

O artigo está dividido em três seções além desta breve introdução. Na segunda seção, endereçamos aspectos ligados à visão temporal dos indivíduos tal como captados por índices de felicidade futura. Na terceira seção, tratamos da perspectiva do brasileiro sobre a felicidade geral da nação no futuro, que representaria a relação das partes com o todo. Abordamos à luz da ótica de problemas de ação coletiva as principais mudanças brasileiras ocorridas ao longo das últimas cinco décadas. A quarta seção conclui, analisando as

implicações práticas da alta dissonância existente no Brasil entre as percepções sobre a felicidade individual e a felicidade geral da nação.

~ Felicidade futura

Iniciamos a partir dos dados do Gallup World Poll de 2006 sobre a satisfação com a vida presente disponível com uma amostra de 150 mil entrevistados em uma amostra de 132 países. Numa escala de 0 a 10, a Dinamarca a ocupava a liderança com 8,02 e o Togo ocupava a última posição com 3,2. O Brasil estava numa posição mais para nação europeia do que para africana, atingindo 6,64, situando-se acima da norma internacional de felicidade dado o seu PIB *per capita*. O Brasil estava entre 132 países na 22.^a posição no *ranking* de satisfação com a vida presente e 52.^a posição de PIB *per capita* nesta mesma lista de países.

País do Futuro – Para além de satisfação presente com a vida, tiramos partido de questões sobre satisfação com a vida cinco anos à frente. O Brasil ocupou todas as edições realizadas da pesquisa entre 2006 e 2010, o lugar mais alto do pódio de felicidade futura com relação a 2011, 2012, 2013, 2014 e 2015. Para se ter uma ideia da força desta regularidade empírica, a probabilidade disto acontecer num sorteio aleatório é de 20 em um trilhão, evento de raridade comparável a da probabilidade de um indivíduo acertar o sorteio da Sena que equivale a acertar a sequência de seis números em 60. A positividade do brasileiro em relação ao futuro *vis-à-vis* a outros povos é a regularidade empírica mais forte que encontrei nos últimos anos em minhas pesquisas.

Nos restringindo a última pesquisa de 2010, o brasileiro numa escala de 0 a 10 dá uma nota média de 8,60 à sua expectativa de satisfação com a vida em 2015 superando, todos os demais países da amostra. A média global era 6,7 e a mediana 6,7. Esse dado nos permite entender a expressão “Brasil: país do futuro”, de Stefan Zweig (1941).

Outros países dos BRICS no *ranking* de felicidade futura em 2015 é África do Sul, com 7,7 na escala de 0 a 10, o 27.º colocado em 153 países; Rússia com 6,4, o 105.º colocado; China com 6,2 o 111.º colocado, e Índia com 6,1, o 119.º colocado.

O brasileiro supera o dinamarquês, líder mundial de felicidade presente, e II.º do *ranking* de felicidade futura. Os lanterninhas são a Síria – país que vem enfrentando uma situação política conturbada, e o Burundi – país mais pobre do continente africano.

País Jovem – A satisfação com a vida no presente é relativamente estável ao longo do ciclo da vida. Já a satisfação prospectiva de um cidadão do mundo com a vida cai com a idade do indivíduo em todos os países e anos analisados. Tomando como exemplo, a felicidade futura de 2011 feita a partir de 2006, a mesma sai de 7,41 aos 15 anos e chega até 5,45 para aqueles com mais de 80 anos, quando as felicidades presente e futura se equivalem. Na idade das debutantes, a média futura é 3,3 pontos melhor que a média de felicidade presente.

Juventude é um estado de espírito, não determinado pela idade em si, mas pela atitude da pessoa diante do futuro. O jovem acredita que o melhor da vida ainda está por vir. Como vimos, para o brasileiro mediano, já era particularmente alta a expectativa em relação futuro, mais do que em qualquer um dos países pesquisados. Ou seja, somos campeões mundiais de felicidade futura, ou de atitude jovem. Há uma interpretação que permite reconciliar duas qualificações recorrentemente atribuídas ao Brasil: “o país do futuro”, por uns, e “país jovem” por outros. Mais do que um país de jovens na sua composição demográfica, o Brasil é um país habitado por jovens de espírito. A média de felicidade futura do brasileiro entre 15 e 29 anos é 9,29 também superior a qualquer outro país pesquisado. Nas cinco pesquisas analisadas, a nota média do jovem brasileiro nunca caiu abaixo de 9, ao passo que resultado deste nível não foi observado entre os jovens em nenhum dos mais de 100 países analisados.

~ A felicidade geral da nação

A vida de cada brasileiro vai melhor que a do coletivo de brasileiros, leia-se do Brasil. Na pergunta subjetiva sobre a expectativa da satisfação de vida de cada pessoa em cinco anos, a média brasileira foi sempre a maior. Já na pergunta

que se refere à nota do país no mesmo período e na mesma escala, a nota cai dois pontos para 6,8 em 2006. Éramos o nono em 160 países do mundo com maior diferença de notas individuais e coletivas. A felicidade geral da nação é menor que a soma das felicidades de cada um. Como cada brasileiro pode dar uma nota tão alta para sua vida e dar uma nota tão baixa para a vida de todos? Eis a questão.

Antes de tentar entender dissonância entre as percepções sobre a felicidade individual e a coletiva, é importante notar a sua constância no universo de pesquisas disponíveis. Na outra pesquisa do Gallup de 2008, que pesquisa a expectativa de satisfação geral da nação cinco anos à frente a mesma corresponde aos mesmos 6,8, enquanto a expectativa de felicidade individual na mesma data era 8,68.

A fim de atualizar esta questão para os dias atuais, o IPEA incluiu as mesmas perguntas do Gallup em pesquisa de campo com cerca de 3.800 indivíduos com 15 anos ou mais de idade entrevistados em abril de 2013. Houve manutenção da avaliação da felicidade geral da nação para 2013 em 6,8, demonstrando sua inércia. Neste ínterim, houve queda da felicidade individual para 8,46, o que pode estar conectado com as manifestações nas ruas em junho de 2013.

O Coletivo de Brasileiro – A dissonância entre as percepções de vida de cada brasileiro sobre sua vida e sobre a vida de todos os brasileiros é uma marca tupiniquim, a nossa jabuticabeira. Talvez fruto destas percepções, os grandes problemas brasileiros sejam de natureza coletiva, e não individuais. Não que os últimos não sejam problemas aqui relevantes, pois em todas as partes sempre o são. Porém, a nossa dificuldade diferenciada enquanto nação, *vis-à-vis* às demais, está mais na relação entre pessoas. Isto é, o problema do Brasil é mais do Brasil como um todo do que de cada brasileiro. Por problemas coletivos, temos concretamente a desigualdade, inflação, informalidade, violência, falta de democracia, entre outros. Mas por que chamá-los de problemas coletivos? Por exemplo, desigualdade, ao contrário da pobreza, é um conceito relacional que não existe no indivíduo tomado isoladamente. Não podemos dizer que uma pessoa é desigual, mas dizemos que uma pessoa é, ou

não é, pobre. O Brasil não é um país pobre, mas temos muitos pobres, pois somos desiguais. Muitos têm pouco, enquanto poucos muito têm.

A pobreza brasileira resulta da alta desigualdade brasileira, e não da baixa renda média brasileira. Ou seja, deriva de um problema inerente ao coletivo brasileiro. Similarmente, a violência é de natureza relacional, de um contra todos e de todos contra um. Isto se aplica tanto na agressão dos assaltos, dos homicídios, como na violência do trânsito. Mais uma vez, refletem problemas de relacionamento entre brasileiros. E o suicídio, não é violência? O suicídio é uma autoviolência da pessoa contra ela mesma, mas a nossa taxa de suicídio é relativamente baixa, em comparação com a de outros países “mais civilizados” como Suécia e Japão. Ou seja, o problema da violência aqui é de natureza coletiva.

A informalidade é outro problema de relacionamento de pessoas físicas e jurídicas em relação ao Estado, materializada na evasão fiscal, ou na ocupação do espaço público que, a princípio, deveria ser de todos. A falta de instituições e práticas democráticas é outra dimensão mais óbvia desta dificuldade de funcionamento em coletividade. Finalmente, a inflação, um destaque maior. Apesar de termos feito a estabilização há 15 anos no lançamento do Plano Real, o Brasil no período 1970 a 2008 é o segundo país do mundo em inflação acumulada, só perdendo para o Congo. O fenômeno da inflação guarda sempre conflitos distributivos, seja na disputa entre o Estado e a população em geral na busca do imposto inflacionário, seja no velho conflito entre capital *versus* trabalho. A disputa entre diferentes atores por parcelas no bolo de renda traduzidas em reajustes dos respectivos preços, salários, câmbio, impostos e tarifas públicas geraria a chamada irracionalidade coletiva.

As externalidades negativas emanadas pelo oportunismo individualista faz com que o todo seja menor que a soma das partes. Este fenômeno é objeto de vários clássicos brasileiros, como os de Sérgio Buarque de Hollanda e Roberto DaMatta, só para citar alguns clássicos.

Décadas – A novidade das últimas décadas é que pudemos, através da melhora de relacionamentos, dar um salto enquanto sociedade. As décadas de 60 e 70 foram de crescimento, do chamado milagre econômico brasileiro

a partir do golpe militar de 1964. Não por coincidência, quando o crescimento começou a escassear devido ao choque do petróleo, houve o começo da distensão política, iniciada logo após a vitória eleitoral da oposição em 1974. O processo culmina nos anos 80, a década da redemocratização, cujo ápice foi o movimento “Diretas Já” de 1984. Terminamos os anos 1980 com eleição direta para presidente, e com os nossos recordes históricos de desigualdade e inflação, que marcam a agenda das décadas seguintes. Os anos 90, podem ser chamados de década da estabilização, após o advento do Plano Real em 1994. Já os anos 00 podem ser chamados de década da queda da desigualdade de renda, já a partir de 2001. Em 2004, a redução de desigualdade vem acompanhada da volta do crescimento da economia e da aceleração de novos empregos com carteira. Isto é, tivemos conquistas em dois de nossos históricos problemas coletivos, desigualdade e informalidade. Ao mesmo tempo, consolidamos as frentes da redemocratização e da estabilidade econômica. Depois das turbulências financeiras associadas ao pleito de 2002, o choque de confiança dado no sistema valeu como uma espécie de segundo Plano Real.

A volta do crescimento, desde 2004, torna o processo redistributivo num jogo de somas positivas, onde o ganho de maiores fatias do bolo pelos mais pobres não implica perdas absolutas dos mais ricos. É mais fácil pensar em prol da coletividade, quando perdas não estão sendo repartidas. No período iniciado em 2004, temos desenvolvimento inclusive, combinando queda de desigualdade com crescimento de renda e geração de empregos formais. A multiplicação das carteiras de trabalho, inaugurada depois do fim da recessão de 2003, é o maior símbolo da nova classe média que emerge na última década (Neri 2011).

Na tradicional metáfora das décadas, devemos esquecer o calendário gregoriano, já que os pontos de inflexão das inovações centrais de cada uma das décadas não foram no início de cada uma delas, mas coincidentemente em anos terminados em 4: 1964 (golpe militar), 1974 (início da abertura política), 1984 (Diretas-Já), 1994 (Plano Real) e 2004 (ascensão da nova classe média). Isto sem falar no suicídio de Getúlio Vargas em 1954.

Todas estas conquistas coletivas estão em movimento. A possibilidade de avanço é proporcional ao estoque de problemas existente. Que novo avanço buscar para 2014, para além da Copa do Mundo de futebol, o nosso derradeiro evento coletivo? As manifestações populares de junho de 2013 trazem gritos de mudança, a começar pelo transporte público, pelo combate à corrupção, pela qualidade dos serviços de saúde e educação. Estratos superiores perderam espaço na última década no bolo de renda nacional e tiveram capacidade de mobilização turbinada pelas novas tecnologias de comunicação, aliados as aspirações da agora não tão nova classe média, colocam na ordem do dia uma novas mudanças, mas esta será uma nova história.

~ Conclusão

Pesquisas domiciliares como o Censo Demográfico do IBGE nos permitem captar diversos aspectos da sociedade brasileira, como a distribuição de renda, a educação e o trabalho. No entanto, não fornecem uma noção direta das diferenças tupiniquins frente à de outros países, nem cobrem aspectos subjetivos da vida das pessoas. Se quisermos conhecer as aspirações brasileiras, *vis-à-vis* a de outras nações, temos de enxergar por lentes internacionais a perspectiva das próprias pessoas. Tal como na literatura emergente de economia da felicidade. Estas abordagens ainda não fazem parte da honorável tradição ibgeana.

O Brasil é pentacampeão mundial invicto de felicidade futura. Numa escala de 0 a 10, o brasileiro dá uma nota média de 8,6 à sua expectativa de satisfação com a vida em 2015, a maior de todos países pesquisados. A média mundial é 6,7. O Brasil já ocupava o primeiro lugar na expectativa com relação a 2011, 2012, 2013 e 2014.

Como economista brasileiro, às vezes em vez da chamada ciência triste (*the dismall science*), recorro ao lado brasileiro. O brasileiro, profissão esperança, não é o protótipo do *Homos Economicus*. Estes dados subjetivos nos permitem entender a expressão “Brasil: o país do futuro”, criada há 70 anos por Stefan Zweig. Também permitem entender por que temos uma baixa taxa de poupança e uma alta taxa de juros.

O jovem, tal como o brasileiro, também acredita que o melhor da vida ainda está por vir. A satisfação prospectiva de um cidadão da aldeia global declina ao longo do ciclo de vida. Mais do que um país de jovens na sua composição demográfica, o Brasil é um país habitado por jovens de espírito. A média de felicidade futura do brasileiro entre 15 e 29 anos foi sempre acima de 9 nos cinco anos analisados, marca nunca atingida pelos jovens de mais de uma centena de países pesquisados. Ou seja, somos campeões mundiais de felicidade futura ou de atitude jovem. Isto nos permite reconciliar duas qualificações frequentemente atribuídas ao Brasil: “o país do futuro”, por uns, e “país jovem”, por outros.

O outro aspecto aqui abordado se refere a uma relativamente baixa expectativa de cada brasileiro quanto à felicidade geral da nação. Indicando uma alta dissonância de cerca de 30% entre a visão prospectiva de cada brasileiro sobre sua vida e a visão sobre o conjunto do país. Na interpretação aqui proposta, este segundo elemento seria consistente com uma maior importância no contexto nacional de problemas associados a ações coletivas. Problemas que tornam o todo menor que a soma das partes, exigindo mobilização e coordenação da sociedade. Exemplos tais como alta inflação e alta desigualdade, que situavam o Brasil no topo do *ranking* internacional entre países, foram objeto dos principais avanços da sociedade brasileira nas duas últimas décadas.

~ Bibliografia

- NERI, M. C. *A Nova Classe Média: O Lado Brilhante da Base da Pirâmide*, Editora Saraiva: São Paulo, 312 p., 2012
- ZWEIG, Stefan. *Brasil, o País do Futuro*. I.^a Edição. Editora L&PM Pocket, 2006. 264 p.